

"Minha candidatura a vice-governador é uma reivindicação do PSB à Frente. Acreditamos que somente uma chapa mais plural tem chances de representar a sociedade como um todo"

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Quando ainda militava no movimento estudantil da Universidade de Brasília, o estudante de Engenharia Mecânica Gustavo Balduíno, 35 anos, se engajou na campanha do professor Cristovam Buarque à Reitoria da Unb.

De liderança estudantil passou a militante do PT e viu o professor virar reitor para anos mais tarde tornar-se governador do Distrito Federal. Há exatamente uma semana, ele viu a possibilidade de enfrentar uma nova campanha ao lado de Cristovam. Desta vez, também como candidato. O partido no qual se filiou em 1993 e do qual é presidente, o PSB, o indicou como o candidato a vice-governador da Frente Brasília Popular.

Quatro dias depois, o PT anuncia va aos quatro ventos que o partido só abriria mão da vaga de senador nas eleições majoritárias. Boa parte dos petistas querem mais quatro anos de dobradinha Cristovam-Arlete.

Essa decisão irritou o PSB, que convocou para hoje uma reunião as demais legendas que compõem a Frente Brasília Popular, menos o PT, para discutir a situação da frente.

Numa entrevista ao Correio, o presidente do PSB, Gustavo Balduíno, critica a gula do PT. "O PT não pode querer resolver seus problemas internos excluindo os demais partidos. Ou seja, eles garantem espaço para Cristovam e para Arlete. E os demais partidos, como ficam?"

Correio Braziliense — O diretório do PSB decidiu que você seria o nome indicado pelo partido como candidato a vice pela chapa da Frente Brasília Popular. O que significa isso?

Gustavo Balduíno — O partido já tinha decidido no seu Congresso Regional no dia 25 passado que reivindicaríamos junto à Frente Brasília Popular a vaga de vice-governador na chapa majoritária da Frente. O diretório escolhido nesse congresso discutiu internamente e indicou o meu nome para ser apresentado aos demais partidos da frente como o nome à vaga de vice.

Correio — *O PT acaba de decidir em seu congresso regional que só aceita negociar a vaga ao Senado, quer também o cargo de vice. Como fica a situação?*

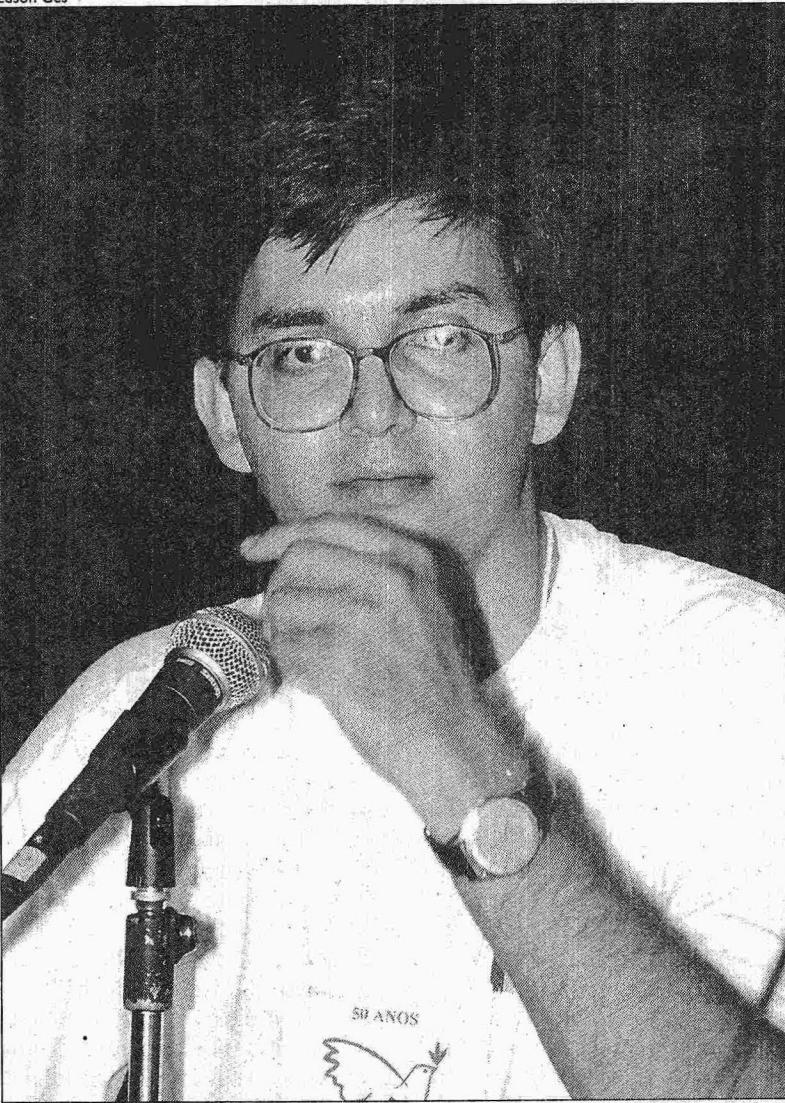
Gustavo — A indicação para a vaga de vice não vai ser feita por um partido, vai ser feita pela Frente. O PT não pode decidir o que querer. Mas, politicamente, se ele quiser estar com a frente e ganhar as eleições, terá que compreender que os partidos partidos merecem espaço. Se o PT acha que Arlete Sampaio é muito boa, porque não dá a ela a chance de ser governadora?

Correio — *A sua candidatura é uma moeda de troca? Significa que quem aceitar essa condição terá o apoio do PSB?*

Gustavo — Não, não é uma moeda de troca. É uma reivindicação do PSB à Frente. Porque nós acreditamos que somente uma chapa mais plural do que PT com PT — Cristovam com Arlete — tem chances de representar a sociedade como um todo. Se chegarmos à conclusão que há maior chance eleitoral com outros partidos, nós até retiramos a candidatura, apesar de acreditar que hoje temos uma condição melhor do que os outros partidos para reivindicar essa vaga.

Correio — *Dante da possibilidade de retirar essa candidatura, o PSB abriria*

Edson Gê



Gustavo: reunião dos partidos da Frente Popular sem participação do PT

mão em favor da vice Arlete Sampaio, como o PT quer, ou do deputado Augusto Carvalho, o que deixaria a frente mais unida?

Gustavo — A unidade da Frente significa abrir espaço também para os outros partidos e não simples-

mente para o PT. O nosso problema não é a unidade do PT, é a da Frente. O PT tem que resolver sua unidade internamente. O PT não pode querer resolver seus problemas internos excluindo os demais partidos. Ou seja, eles garantem espaço para Cristovam e para a Arle-

te. E os demais partidos, como ficam?

Correio — *Então não existe a possibilidade do PSB compor com o PT se eles não retirarem a exigência de ter também o candidato a vice-governador?*

Gustavo — Se o PT quiser manter a exigência de indicar os dois cargos, dificilmente vai conseguir unificar a Frente. Essa responsabilidade é do PT, não é do PSB. A nossa responsabilidade é estar disposto a repetir um programa de governo que está tendo êxito. Se o PT insistir nisso, dificultará muito uma aliança, não só com o PSB, mas com todos os partidos. Se todos os outros estiverem junto, é o PT quem estará isolado, fora da Frente.

Correio — *Com essa determinação dos petistas, a possibilidade de aliança com Augusto Carvalho fica mais forte?*

Gustavo — Se o PPS demonstrar uma posição mais flexível, como já mostrou, alarga a possibilidade de um acordo. Mas isso não é uma decisão unilateral do PSB. Hoje o partido está num papel importante de unir um conjunto de partidos que não são o PT e PPS. O PDT, o PCdoB e o PCB com certeza estarão mais próximos de onde o PSB estiver. Acreditamos que somos o fiel da balança, mas não vamos usar isso como barganha em favor do partido.

Correio — *Você acredita que haverá algum tipo de resistência entre os outros partidos ao seu nome como o candidato a vice?*

Gustavo — Acho que não. Até porque nenhum outro partido colocou o interesse pelo cargo.